Fernando Molica

Músicas de Poze do Rodo revelam cotidiano violento

Uma olhada em letras de músicas do MC Poze do Rodo, preso ontem no Rio, até justifica a acusação de apologia ao crime, mas seus versos, mais que tudo, revelam o buraco em que nos metemos. Ressaltam uma naturalização da vida bandida, lugar de refúgio e de ataque de tantos e tantos jovens.

A eventual condenação de Poze não acabará com uma questão que vai muito além dele. Seus funks — duros, violentos, agressivos, com louvações a uma organização criminosa — fazem sentido para muita gente, adolescentes que se identificam com a vida que ele narra.

Não dá pra querer que pessoas nascidas e criadas em favelas e periferias tão violentas façam canções sobre barquinhos, cantinhos, violão, sol, sal e sul. O nome artístico do MC — batizado como Marlon Brandon Coelho Couto Silva — faz referência à sua comunidade de origem, a favela do Rodo, em Santa Cruz, Zona Oeste do Rio.

Letras de Poze que tendem a ser usadas como provas contra ele deveriam servir também como um guia para a compreensão de nosso país. Aos 26 anos, ele não é um ET, um alienígena que, em determinado momento, saltou de um disco voador no Rio e decidiu fazer e interpretar canções que exaltam traficantes, armas, disputas territoriais e rivalidades.

São como manifestos que homenageiam os "soldado preparado, os menor descontrolado": os erros do seu português ruim não são detalhes, mas gigantescas exclamações. Seu canto, é preciso admitir, representa frustrações, anseios, ódios e visões de mundo de muita gente — e isso não significa concordar com suas pregações.

Não se trata de defendê-lo, cabe à polícia investigá-lo e, à Justiça, avaliar sua inocência ou culpa. Mas seria uma burrice — mais uma — não perceber que suas músicas ajudam a entender uma sociedade construída na base do racismo, da discriminação, da desigualdade de renda e de oportunidades.

A popularidade de Poze do Rodo — ele tem 15 milhões de seguidores no Instagram — é sintoma do descompasso de um país que insiste em viver numa espécie de ficção: há os que querem manter tudo como está, os que advogam uma redistribuição de riquezas lenta, segura e gradual e os que creem na salvação e prosperidade divinas.

As letras de Poze traduzem impasses de grande parte de nossa juventude, adolescentes que parecem convencidos da inutilidade dos caminhos formais que historicamente lhes são oferecidos, pequenas e esburacadas trilhas materializadas em escolas precárias, preconceito, baixos salários, falta de oportunidades e exaltação de uma suposta meritocracia.

Eles sabem que no fim dessas ruelas haverá destinos pouco atraentes, como o balcão de uma farmácia em escala 6 X 1 ou a moto para entrega de comida. São brasileiros que se reconhecem em funks limitados até geograficamente, quase sempre relatam os horizontes restritos de favelas.

Para alívio geral da nação, a imensa maioria dos que consomem as criações de Poze do Rodo não pratica nada do que é narrado nas letras. Mas são pessoas que nelas reconhecem um cotidiano de quem vive em áreas dominadas pelo grupo A ou pelo B. Que são obrigadas a adotar até nas roupas um código cromático compatível com a simbologia das organizações criminosas — um domínio que só existe graças à parceria de agentes do Estado.

Em seus funks, Poze volta e meia dá protagonismo a garotos — "os menor" —, guris que, nas músicas, acabam seduzidos pelo atalho da vida criminosa: condenados desde o nascimento ao fundo do palco ou à limpeza de banheiros e coxias dos teatros, sabem, para citar Chico Buarque, que só haveria um jeito de chegarem lá, na frente do palco.

Por mais torto que seja, o grito de Poze do Rodo precisa ser ouvido, nos ajuda a entender as consequências de uma exclusão cultivada ao longo de 500 anos. Como naquela história em que oficiais nazistas, diante de "Guernica", perguntaram ao autor, Pablo Picasso, se ele é que tinha feito o quadro que retratava o massacre de uma cidade durante a Guerra Civil espanhola: "Não, foram vocês", respondeu.

Aristóteles Drummond

Respeito à política fluminense

O Rio, desde os tempos de Distrito Federal e Estado do Rio, forneceu à República alguns de seus nomes mais expressivos à representação parlamentar. Ficando apenas naqueles eleitos desde a redemocratização de 46, vamos encontrar no Senado personalidades da história do maior nível.

Luiz Carlos Prestes, Alencastro Guimarães, Caiado de Castro, Gilberto Marinho, Amaral Peixoto, Paulo Torres são alguns nomes. Na bancada federal, notáveis como Nelson Carneiro – depois senador –, o genial Carlos Lacerda, figuras históricas como Adauto Lúcio Cardoso, presidiu a Câmara e foi ministro do STF, e Lutero Vargas, filho de Getúlio Vargas; e mais recentemente Francisco Dornelles e Roberto Campos. Hoje são poucos os que estão à altura desta tradição.

Mas o que choca aos que acompanham a vida política é a falta de respeito às mais elementares práticas do trato civilizado da política.

O caso mais atual é a indiferença das lideranças políticas em relação ao futuro do senador Carlos Portinho, cujo mandato termina ano que vem. Está exercendo com exemplar postura o mandato, é correto na política e na defesa dos interesses do Estado; não pode ser desconsiderado na composição das chapas do próximo ano. Aliás, em 2022, na disputa da vaga de senador, era candidato à reeleição e foi reeleito Romário. Apesar de o ex-jogador ser do PL, partido do então presidente da República, no dia da eleição, ao sair da votação, Bolsonaro teve a sinceridade de expor sua ética política e declarou que votou no ex-deputado Daniel Silveira, do PTB, político mais afinado com sua maneira de ser. Inacreditável o silêncio dos políticos diante da grosseria.

Agora, na dança de cadeiras, as composições parecem estar sendo feitas sem se olhar para o perfil que as forças vivas do Rio de Janeiro esperam para enfrentar as imensas dificuldades agravadas pelo alto endividamento público, que vem de longe.

Na política e fora dela, na sociedade empresarial, empreendedora, nas entidades de classe do presente ou do passado, existem quadros a serem avaliados e recrutados. E como meras lembranças e exemplos, estão Sávio Neves, Alexandre Accioly, Roberto Medina, José Luiz Alquéres, Antônio Queirós.

Nestes tempos digitais, o eleitor ficou mais independente e tendendo menos às composições das cúpulas. O ideal é uma sintonia entre os caciques da política e o pensamento da sociedade.

Ricardo Cravo Albin

O engenheiro que virou rua

Participei há dias de homenagem particularmente emocionante para quem viveu e acompanhou as transformações do Rio de Janeiro, através de grandes obras públicas que foram realizadas pelo engenheiro Enaldo Cravo Peixoto entre os anos finais da década de 1960, começo de 1970.

Uma plateia emocionada atendeu ao chamamento do engenheiro Luiz Edmundo da Costa Leite que lotou o auditório da mais que secular elevatória de esgotos sanitários, aquela que quase faceia a igrejinha da Glória, ao final da Praça Paris. Aliás, tudo a ver, porque o homenageado Cravo Peixoto consagrou-se desde o início da carreira fulgurante exatamente como engenheiro sanitarista, ele que se orgulhava de ter sua maior e mais celebrada obra, a rede de esgotos sanitários do Rio com suas centenas de quilômetros enterrados por toda a cidade, mas longe dos olhares da admiração pública.

De fato, Cravo Peixoto ficou reconhecido na engenharia mundial como o autor da intrincada rede de esgotos sanitários que transformaria o Rio de uma cidade muito precária em cidade modelar na sofisticada coleta da rede de esgotamento público sob o solo.

Aliás, todo o precioso acervo do afamado sanitarista (livros, documentos, etc.) acaba de ser doado por sua filha adotiva , a Dra. Patrícia Santoro, aos cuidados do engenheiro Luiz Edmundo.

Na solenidade de que participei há dias, creio que das primeiras reverências públicas de vulto à luminosa memória de Cravo Peixoto, abordaram-se muitos outros fragmentos de sua intensa vida de engenheiro. Ele, que foi o grande articulador das obras do então governador do Rio, Carlos Lacerda, foi celebrado como o mais laborioso autor de obras públicas relevantes na Cidade Maravilhosa, como túneis, parques, viadutos e, sobretudo incluindo a rede de esgotos, a outra sua monumental obra, a de fornecer água abundante para a cidade que, antes, chegou a ser reconhecida na verdade implacável da marchinha de carnaval como "Rio de Janeiro/Cidade que seduz/De dia falta água/De noite falta luz".

Ou seja: a homenagem ao alagoano de 1920, da cidade colonial de Penedo, às margens do São Francisco, consolidou Cravo Peixoto como um dos grandes construtores da cidade do Rio ao lado de Pereira Passos e não tantos outros assim de igual eficiência dentre os trabalhadores históricos pelo e para o Rio.

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA

Correio da Manhã
O "Conde Zeppelin" atingirá hoje o Brasil

HÁ 95 ANOS: FESTA NO RIO DE JANEIRO PARA O CONDE ZEPPELIN

As principais notícias do Correio da Manhã em 30 de maio de 1930 foram: Conde Zeppelin chega ao Rio de Janeiro, sobrevoa a cidade e pousa no Campo dos Afonsos, numa grande festa e celebração por sua vindo ao Brasil. Dirigível volta para Recife, para seguir viagem aos Estados Unidos.

HÁ 75 ANOS: BRASIL QUER AMPLIAR MERCADO DE CAFÉ NA EUROPA

As principais notícias do Correio da Manhã em 30 de maio de 1950 foram: Comício em Bangu marca a primeira investida dos estudantes por votos para o brigadeiro Eduardo Gomes; passeata em Copacabana está prevista também para junho. Governo estuda mudar o trânsito na Praça da República. Brasil quer ampliar mercado do café na Europa. Ambiente de guerra em Berlim reflete a nova ordem mundial, entre países democratas e comunistas. Tchecos fecham consulados em Nova York.

EDITORIAL

Brasil, 10ª economia e 6º pior para negócios

Sexto pior país do planeta para fazer negócios. O 'status' nada invejável é ocupado pelo Brasil, conforme conta da edição 2025 do Índice Global de Complexidade de Negócios (GBCI), divulgado nessa quarta-feira (28). A má notícia é que a posição do país nesse ranking 'negativo' se deteriorou, pois, no ano passado, o país ocupava a sétima colocação. Como 'consolo', basta saber que Pindorama já liderou essa lista em 2022.

Pelo menos, por enquanto, a burocracia tupiniquim está sendo superada por nações, como os europeus Grécia e França e o também latino-americano México. Em contraponto, encabeçam a a fila dos 'mais amigáveis' para investimentos, por ordem, a República Checa, Curaçao e Ilhas Virgens Britânicas - as duas últimas, paraísos fiscais.

Ao comentar o recorrente 'destaque' verde-amarelo no mencionado ranking, o Country Head da TMF Group no Brasil, Mauricio Catâneo, explica que "apesar dos avanços, a sobreposição dos sistemas tributários federal, estadual e municipal continua sendo onerosa, especialmente quando integrada às normas contábeis internacionais, e o debate em curso sobre a reforma tributária adiciona ainda mais incertezas", acrescentando que a "a reforma vai gerar uma complexidade muito grande na transição, que durará alguns anos".

Pelo lado positivo, Catâneo admite que houve melhora brasileira, no que toca à infraestrutura, rodovia e circulação de mercadorias, sem contar o avanço do uso da tecnologia em transações, em que o maior destaque é sistema de pagamentos simultâneos, o popular Pix. "A melhora do Brasil se deve principalmente a avanços tecnológicos e à integração maior dos governos", emenda o executivo.

Elaborado pela consultoria TMF Group, o índice analisa 79 países e jurisdições – que respondem por 94% do PIB global – por meio do uso de 292 indicadores, sobretudo, a conformidade fiscal ante os padrões internacionais, quesito sobre o qual o Brasil apresenta problemas.

A sorte brasileira, continua o Country Head, é que a melhor situação do país se dá mais por conta da maior complexidade apresentada por outros países. Exemplo disso é o da França, dona de uma lei trabalhista muito rígida.

MASP abrirá cinco novos cursos

O MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand apresenta em junho cinco cursos organizados pela Escola MASP, com encontros presenciais e online. As aulas abordam a trajetória de Claude Monet, a obra de Renata Felinto a partir de perspectivas afro-diaspóricas, produção e gestão de exposições, arte têxtil e seus vínculos com lutas sociais e ambientais.

Entre os destaques, a aula gratuita e aberta ao público A arquitetura do nevoeiro, com Guilherme Wisnik, inaugura uma nova série de quatro cursos dedicada a discutir as relações entre arquitetura e arte. O encontro, que ocorre em 25 de junho, quarta-feira, das 19h às 21h, propõe uma reflexão sobre os vínculos entre espaços urbanos, tecnologias digitais e políticas contemporâneas.

O curso 'Monet: a luz da natureza', com Felipe Martinez, analisa as diferentes fases da carreira do impressionista, com ênfase na relação entre sua pintura e as transformações trazidas pela modernização das cidades e pela industrialização. Também aborda as influências iniciais do pintor francês e as conexões com artistas contemporâneos como Degas, Cézanne e Renoir.

Todos os cursos disponibilizam bolsas de estudo e descontos para professores da rede pública, em qualquer nível de ensino, mediante processo seletivo após a inscrição, além de 15% de desconto no programa AMIGO MASP. Ao final de todos os cursos, os certificados são emitidos para os alunos que completarem 80% de presença. As aulas online são ministradas por meio de uma plataforma de ensino ao vivo e o link é compartilhado com os participantes após a inscrição. Os cursos online são gravados e cada aula fica disponível durante trinta dias após a realização da mesma.

Opinião do leitor

Incoerência

Vivemos numa Democracia e em pleno Estado Democrático de Direito, como apregoa o governo Lula. Agora a primeira dama apregoa o modelo chinês ao defender a regulação das redes sociais. Ela com sua atitude impensada e incoerente, cada dia mais se torna uma excelente " cabo eleitoral " do Bolsonaro.

Luiz Felipe Schittini
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

Correio da Manhã
Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.